



Universidade Federal
de Campina Grande



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELISSANDRA PONTES PEREIRA MARTINS

A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAJAZEIRAS - PB

2014

ELISSANDRA PONTES PEREIRA MARTINS

A escrita na educação infantil

Monografia apresentada ao Curso licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de professores, da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia sob orientação da professora Dr.^a Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS- PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

M386e Martins, Elissandra Pontes Pereira.
A escrita na educação infantil / Elissandra Pontes Pereira Martins. –
Cajazeiras, 2014.
50f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2014.

1. Escrita – educação infantil. 2. Hábito de escrever. 3. Ensino da
escrita. 4. Aprendizagem de escrita. 5. Professor-educação infantil. I.
Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 003:373.2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ELISANDRA PONTES PEREIRA MARTINS

A escrita na educação infantil

Monografia como pré-requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Maria Gerlaine Belchior Amaral (orientadora)

UAE/ CFP /UFCCG

Prof^a.Me. Edinaura Almeida de Araújo (titular)

UAE/ CFP /UFCCG

Prof^a.Dr^a.Zildene Francisca Pereira (titular)

UAE/ CFP /UFCCG

Prof^a. Esp. Ioneida Ramalho Bueno (suplente)

UAE/ CFP /UFCCG

Aprovada em

/ /

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado. E à toda minha família pelo apoio e carinho oferecidos, e principalmente, ao meu esposo Cleber e à minha filha Yohana Gabrielly.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Que me mantém viva e ilumina a minha vida, por ter me dado este presente maravilhoso a minha filha que espero ansiosa por sua chegada, por da forças e esperanças, no qual tenho muita fé.

À minha mãe

Maria Pontes Pereira, minha melhor amiga, sempre tão carinhosa e preocupada com seus filhos. Tudo que sou hoje devo à essa mulher maravilhosa.

Ao meu pai

Manoel Pereira de Sousa, exemplo de vida, homem humilde, trabalhador que construiu uma família maravilhosa a qual me orgulho de fazer parte e chamá-lo de PAI.

Ao meu marido

José Cleber Batista Martins, pelo apoio, paciência e compreensão no decorrer de todo o curso de graduação e também por demonstrar todos os dias o seu amor por mim.

A todas as minhas irmãs e ao meu irmão

Em especial às irmãs Edimacy e Ceyssa, incentivo maior para minha formação.

A escrita é um código que só será apreendido se for ensinado.

Gerlaine Belchior

RESUMO

Os primeiros passos para aprender a escrever iniciam-se quando a criança estabelece os primeiros contatos com o mundo, ao nascer. Trata-se de uma aprendizagem natural. Considerando este fenômeno, venho destacar a importância do desenvolvimento do hábito de escrever desde cedo. Dessa forma, este estudo tem como objeto de estudo a escrita na educação infantil. Objetivou analisar a prática docente voltada para o desenvolvimento da escrita das crianças na educação infantil, identificando assim, a concepção que o professor tem sobre linguagem escrita, buscando entender como o professor auxilia a criança na construção do conhecimento sobre a escrita. Teve como foco, ainda, observar as metodologias (atividades e recursos) desenvolvidas pelo professor, no desenvolvimento da escrita em uma sala de aula da educação infantil, e ainda refletir sobre as dificuldades encontradas pela professora neste processo. Elencaram-se as estratégias utilizadas pela professora para superar tais dificuldades. Utilizou-se como referencial teórico os seguintes autores: Ostetto (2012), Ferreiro (2011), Soares (2010), Silva (2008), Fernandes (2007), Gonçalves (2001), que tratam sobre o tema, bem como as reflexões pessoais sobre o objeto estudado. Para a metodologia de trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo com abordagem qualitativa. As técnicas de coletas de dados foram à observação e entrevista feita à professora. Dos resultados alcançados, identificamos que a escrita realizada nesta etapa é desenvolvida de forma mecânica. Espera-se que os resultados apresentados aqui, possam contribuir para a reflexão dos docentes sobre suas práticas pedagógicas, e assim, conscientizarem-se da importância de formar escritores capazes de melhorar o exercício da cidadania a partir do domínio do código escrito.

Palavras-chave: Escrita. Educação Infantil. Ensino da Escrita. Professor.

ABSTRACT

The first steps in learning to write is initiated when the child establishes the first contact with the world at birth. It is a natural learning. Considering this phenomenon, I have been highlighting the importance of developing the habit of writing from an early age. Thus, this study has as object of study writing in kindergarten. Aimed to analyze the development-oriented writing of children in early childhood education teaching practice, thus identifying the conception that the teacher has written on language, seeking to understand how the teacher helps the child in constructing knowledge about writing. Focused also observe the methodologies (activities and resources) developed by the teacher in the development of writing in a classroom of kindergarten, and still reflect on the difficulties encountered by the teacher in this process. Elencaram the strategies used by the teacher to overcome such difficulties. The following authors was used as a theoretical framework: Ostetto (2012), Smith (2011), Smith (2010), Silva (2008), Fernandes (2007), Gill (2001), that deal with the topic as well as the reflections personal studied on the object. For the work methodology used the literature and field research with a qualitative approach. The techniques of data collection were observation and interview the teacher. The results achieved, we identified that the writing done in this step is performed mechanically. It is hoped that the results presented here, may contribute to the reflection of teachers about their teaching practices, and thus conscientizarem is the importance of training writers capable of improving the exercise of citizenship from the domain of the written code.

Keywords: Writing. Early Childhood Education. Teaching of Writing. Teacher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP – Centro de Formação de Professores

Dr^a- Doutora

Me – Mestra

EJA – Educação de jovens e adultos

Prof^a- Professora

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
3.ESCRITA:DELINEANDO HISTÓRICO E CONCEITOS.....	15
3.1Um breve histórico da infância.....	15
3.2Sobre o conceito da escrita: algumas reflexões.....	18
4.PESQUISA DE CAMPO:O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ESCRITANO LOCUS DA PESQUISA.....	25
4.1 Um olhar sobre a prática pedagógica.....	25
4.2 Análise de uma prática de educação infantil.....	35
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O ensino da linguagem não é uma tarefa fácil para o professor, portanto promover a aproximação entre os alunos e o texto é um processo delicado que requer competência da parte do professor.

No ambiente escolar, é comum a escrita ser considerada como uma representação gráfica da fala, e que para muitos professores, ainda arraigados ao método tradicionalista, aprender o alfabeto e as famílias silábicas significa conhecer os elementos gráficos da fala.

Sabemos que é um grande desafio, para o professor fazer com que a criança escreva o que se escuta na fala, mas, escrever não só significa transcrever a fala e a escrita. Não se limita ao código linguístico. Mas, deve fazer parte do processo de letramento que utiliza práticas sociais, vivenciadas pela criança, o que irá facilitar a aprendizagem dela, já que estará escrevendo sobre algo que conhece.

Dessa forma, este estudo tem por objetivo analisar a prática docente voltada para o desenvolvimento da escrita das crianças na Educação Infantil; bem como, identificar a concepção que o professor tem sobre linguagem escrita, observando as metodologias (atividades e recursos), assim, entender como o professor auxilia a criança na construção do conhecimento sobre a escrita, e ainda, refletir sobre as dificuldades encontradas neste processo. O conceito de língua escrita que iremos adotar tem como ponto de partida o sentido proposto por Emília Ferreiro(2011). Para esta autora a escrita é um objeto de uso social e não apenas escolar. Nesse sentido, essa monografia propõe-se a pesquisar aspectos referentes ao desenvolvimento da escrita em uma classe da Educação Infantil como também conhecer as práticas pedagógicas vivenciadas nesta turma e assim fazer reflexões sobre esse processo de ensino e aprendizagem.

O interesse pelo tema “desenvolvimento da escrita” surgiu durante a experiência no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, quando tive a

oportunidade de observar o trabalho desenvolvido com crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos de idade.

Tudo era muito novo para mim, pois não trabalho na área da Educação, e até então, nunca tinha atuado como professora. Tive experiências inesquecíveis ao desenvolver um trabalho voltado para a literatura infantil. Além disso, quanto à escrita a professora trabalhava com a proposta pós-piagetiana, a criança terá contato simultâneo com todas as letras, palavras e textos. Sabemos que na Educação Infantil é iniciado um trabalho com a escrita do nome, que fornece às crianças um repertório de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas. Além disso, o contato com a grafia do próprio nome proporciona à criança o seu reconhecimento como sujeito, que possui um nome que é só seu.

No decorrer do curso de Pedagogia o meu interesse em compreender melhor as práticas pedagógicas escolares envolvendo o trabalho com a escrita, foi aumentando a cada dia, principalmente quando realizei o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I. Então, pude observar também como era trabalhada a questão da escrita em sala de aula. Observei também que havia uma preocupação maior, por parte da professora, com a linguagem escrita, não que a linguagem escrita fosse mais importante do que a linguagem oral, pois nesta fase escolar, começa o processo de aprendizagem, mas no trabalho realizado pelos professores, havia maior ênfase na escrita.

Essas observações me instigaram a buscar um estudo mais consistente. Desse modo proponho-me a realizar essa investigação norteadas pelos seguintes questionamentos: Como a escrita é trabalhada em sala de aula? Qual o conceito de escrita para a professora?

Esta monografia estrutura-se em quatro partes. A primeira corresponde a esta introdução. A segunda parte traz os procedimentos metodológicos. A terceira parte registra algumas considerações sobre a historização da escrita e alguns conceitos sob a visão de autores como: Martins (2002), Gonçalves (2001) e Ferreiro (1990). A quarta parte reflete acerca do ensino e da aprendizagem da escrita numa sala de educação infantil. E, por fim, são

apresentadas as considerações finais que apresentam reflexões e posicionamentos acerca de todo o trabalho realizado.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho proposto trata de uma pesquisa qualitativa, por ser um suporte para obter conhecimentos específicos sobre um objeto de estudo. É através dela que a realidade será compreendida e interpretada, levando em consideração as práticas e concepções dos indivíduos acerca do tema escolhido. Neste tipo de pesquisa há uma relação maior de aproximação entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Além disso, como afirma Gonçalves (2001, p.68) “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...]”.

Na busca de conhecer como a escrita é apresentada a criança na educação infantil realizamos uma pesquisa de campo, onde foram coletadas e registradas as informações que serviram para a análise, que fizemos. Na pesquisa de campo fez-se necessário que a pesquisadora fosse até o *locus* escolhido para realizar a pesquisa e para que obtivesse informações diretamente com os sujeitos estudados.

Sobre a pesquisa de campo Gonçalves (2001, p.67), assinala que,

Denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentados (...).

Os instrumentos de coletas de dados utilizados foram à observação e a entrevista semiestruturada, que deve ser bem planejada, baseada nos objetivos da pesquisa e registrada de imediato para não esquecer nada. E faz-se necessário também, nesse instrumento de pesquisa, que as pessoas a serem observadas, entrevistadas sejam informadas do objetivo da referida pesquisa.

Matos (2002, p.36) também diz que as pesquisas qualitativas “[...] dão visibilidade e aprofundam o significado da questão para os sujeitos investigados” .

O campo de pesquisa escolhido foi uma Escola Municipal, na cidade de Cajazeiras, no Estado da Paraíba. Esta escola funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite, oferecendo Educação Infantil e Ensino Fundamental I, enquanto a noite é oferecida a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao todo a escola atende em média 300 discentes.

A sala escolhida para realizar a pesquisa foi uma turma de jardim I, que tem vinte seis crianças e só uma professora sem nenhuma ajuda de monitora.

Esta pesquisa foi realizada junto a uma professora de Educação Infantil da referida escola que neste trabalho será chamada de professora A, com intuito de investigar o processo da apropriação da escrita na Educação Infantil e observar as práticas e métodos utilizados pela professora A para o ensino da escrita, e também, na perspectiva de identificar quais as dificuldades encontradas por esta professora para favorecer a aquisição da escrita pelas crianças.

3. ESCRITA: DELINEANDO HISTÓRICO E CONCEITOS

3.1 Um breve histórico da infância

Quando falamos de infância, logo nos vem a mente um momento em nossa vida voltado à brincadeiras como pula corda, amarelinha, peteca, esconde-esconde, bola de gude entre outras brincadeiras, momentos felizes que passaram e não voltam mais, deixando para alguns, muitas saudades. Portanto, a infância é a fase na vida da criança caracterizada pela brincadeira, inocência, pureza etc.

É válido salientar que as concepções de infâncias são construções históricas e sociais. É interessante enfatizar que assim como em períodos diferentes existem concepções diferentes, num mesmo período também podem haver concepções diferentes. Dessa forma, podemos dizer que nem toda infância é igual, muitas crianças não têm infância, pois são obrigadas a trabalhar desde muito cedo para ajudar seus pais no sustento da família e acabam perdendo a melhor fase de suas vidas que é a infância, outras crianças são abandonadas pelas suas famílias e são jogadas nas ruas expostas à violência, fome, frio, sem carinho, sem proteção e muitas delas se envolvem no mundo das drogas, que não tem volta.

Os estudos do pesquisador francês Philippe Ariés (1981) apontam a ideia que a infância foi historicamente construída e que a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias e sim como um adulto em miniatura que aprendia por meio da observação.

A criança logo depois o desmame era considerada e tratada como adulto. Assim, a história da criança contada pelo autor destaca que estas eram tratadas como adultos em miniaturas, na maneira de vestir-se, na participação ativa em reuniões, festas e danças.

o referido autor destaca, ainda, que foram séculos de altos índices de mortalidade e de práticas de infanticídio. As crianças que nascessem doentes

eram jogadas fora e substituídas por outras, na intenção de conseguir uma espécie melhor, mais saudável, mais forte que correspondesse às expectativas dos pais e de uma sociedade que estava organizada em torno dessa perspectiva utilitária da infância. Os primeiros asilos eram depósitos de crianças abandonadas. Segundo o autor, o sentimento de amor materno não existia. A família era social e não sentimental. Nessa passagem, é possível apreender tal ideia: “[...] uma vizinha, tranqüiliza assim uma mulher inquieta, mãe de cinco pestes, e que acabara de dar à luz: Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos[...]” (ARIÈS apud ROCHA, 1981, p. 56). Assim, as crianças sadias eram mantidas por questões de necessidade, mas a mortalidade também era algo aceito com bastante naturalidade.

Outra característica da época era entregar a criança para que outra família a educasse. O retorno para casa se dava aos sete anos, se sobrevivesse. Nesta idade, estaria apta para ser inserida na vida da família e no trabalho.

No século XVIII surgiu Jean Jacques Rousseau (1712-1772). Suas ideias muito influenciaram na educação moderna e contribuiu para a educação da criança pequena de sua época. Foi ele quem centralizou a questão da criança na educação, evidenciando a necessidade de não mais compreender a criança como um homem pequeno, mas sim, como um indivíduo que pensasse e que coubesse ao homem compreendê-lo. Ao ressaltar esse aspecto, Rousseau direcionou a discussão para o reconhecimento da necessidade de se enxergar a infância como um período distinto, que apresenta características peculiares, as quais precisam ser estudadas e respeitadas.

Para Rousseau, a educação deveria estar vinculada à vida da criança e deveria, em cada fase de seu desenvolvimento, propiciar-lhe condições para vivê-la o mais intensamente possível. A sua proposta de ensino, combatia preconceitos, autoritarismo e todas as instituições sociais que violentassem a liberdade da natureza. Defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis. Ressaltava que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades da observação.

Rousseau direcionou seus estudos, para a necessidade de se enxergar a criança como um ser ativo e achava que a mãe era a pessoa ideal para educá-la e não preceptores.

Com o passar do tempo as crianças começam a ser educadas pelas famílias, era ensinado a rezar, valores religiosos, regras morais, e para as mulheres ensinavam tricô, prendas domésticas entre outros, e com isso começa a se criar um sentimento maior pela criança, esse sentimento surgiu primeiro nas mulheres e depois nos homens.

Com a evolução nas relações sociais que se estabeleceram na Idade Moderna a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade e a família tem grande preocupação com sua saúde e sua educação.

Nessa época surgem as escolas para as crianças mais pobres e outra para as crianças ricas, alguns protestantes defendiam a educação como um direito universal, para que todos tivessem o direito à educação.

No começo do século XX, ocorreram mudanças significativas no campo da educação, neste período também aconteceu um grande movimento de renovação pedagógica que chamamos de movimentos das escolas novas. No Brasil as primeiras instituições surgiram no Império e eram destinadas às crianças entre zero e seis anos, isso com o objetivo de amparar as crianças que eram abandonadas por algum motivo nas ruas, Santa Casa da Misericórdia, como também, em orfanatos.

As perspectivas teóricas sobre a infância na atualidade compreendem que é nessa etapa da vida que a criança se desenvolve para si e para o mundo. Como relata Silva (2008, p.41).

Quando nos referimos à infância, somos levados a pensá-la em sua relação cronológica, como uma etapa do desenvolvimento do ser humano, ou ainda, como uma viagem ao interior de nós mesmo, onde encontramos lembranças de um tempo que foi e não volta mais.

Assim, a criança constrói o seu conhecimento desde cedo, no seu convívio com o outro e com o meio, trocando experiência.

A visão sobre a infância, atualmente, como um período específico pelo qual todos passam é uma construção definida no momento presente. A questão de que todos os indivíduos nascem e são crianças até um determinado período, independente da condição vivida. É inegável, entretanto, que tal premissa nem sempre foi percebida dessa maneira e por diversos períodos se questionou qual era o tempo da infância e quem era a criança.

Cada época tem a sua maneira própria de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância. Nos últimos três ou quatro séculos, a criança passou a ter importância como nunca havia tido antes. No entanto, ela começou a ser descrita, estudada, a ter seu desenvolvimento previsto, como se ele ocorresse sempre do mesmo jeito, só que cada criança tem seu próprio desenvolvimento.

3.2 Sobre o conceito da escrita: algumas reflexões

A escola enquanto tempo e espaço que possui importante função social, deve adequar-se aos movimentos de transformação, de mudança e melhoria. O que mais tem preocupado os profissionais ligados ao ensino é a dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever. Essa dificuldade se expressa com clareza nos anos iniciais do ensino fundamental.

Por outro lado, essa dificuldade acompanha o aluno por toda a sua trajetória escolar, até mesmo alunos universitários, sendo nestes casos a dificuldade de compreender os textos propostos para a leitura, de interpretá-los e organizar suas idéias por meio de escritos. Nesse sentido, faz-se necessário oportunizar as crianças a vivência com a escrita desde a classe de Educação Infantil, já que as crianças de classe popular, apesar de trazerem para a escola uma bagagem rica em brincadeiras, canções folclóricas, experiências variadas, conceitos matemáticos, na maioria das vezes, não vivencia o ato de escrever na sua vida diária como a criança de classe social elevada, que tem em sua

casa acesso a estas situações, favorecendo assim, sua alfabetização: Segundo Ferreiro:

A língua escrita, sendo um objeto social, não está democraticamente distribuída pelos diferentes setores da população. Há crianças que crescem em ambientes alfabetizadores e há aquelas cujos ambientes não tem condições, em hipótese alguma, de mostrar através de atos sociais específicos, quais são as funções sociais às quais a escrita esta intimamente ligada. (FERREIRO, 1990, p.28).

Com isso, deve-se considerar que participar de atos de escrever, como produção de texto individual e coletivo, presenciar momentos de escrita realizados pela professora, ter ensejos de registrar sua própria escrita, ter oportunidade de perguntar, explorar e confrontar suas hipóteses com as dos outros, tudo isso pode ser realizado em uma classe de Educação Infantil. Para que isso ocorra é necessário um bom planejamento por parte do professor, pois escrever não é tão fácil, necessita de muito esforço e prática.

A Educação Infantil, em que se considerava importante dar condições necessárias às crianças, para iniciarem a alfabetização, logo para as crianças terem condições de escrever, não era necessário só da prática, mas também do desenvolvimento e o domínio da lateralidade, discriminação visual e auditiva, coordenação motora ampla e fina e outras habilidades.

Para entender melhor como se dá o processo da construção da escrita na educação infantil, fiz estudos nos escritos de Ferreiro, (1990) usando como suporte para enriquecer minha pesquisa.

Na aprendizagem inicial as práticas utilizadas são muitas vezes baseadas na junção de sílabas simples, memorizações de sons diferenciados e cópias. Essas maneiras podem fazer com que a criança se torne um espectador passivo e mecânico por não participar do processo de construção do conhecimento.

Segundo a metodologia desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberoskyo professor deve estimular os aspectos motores, cognitivos e afetivos vinculados ao contexto da realidade de cada aluno. Para Ferreiro, os

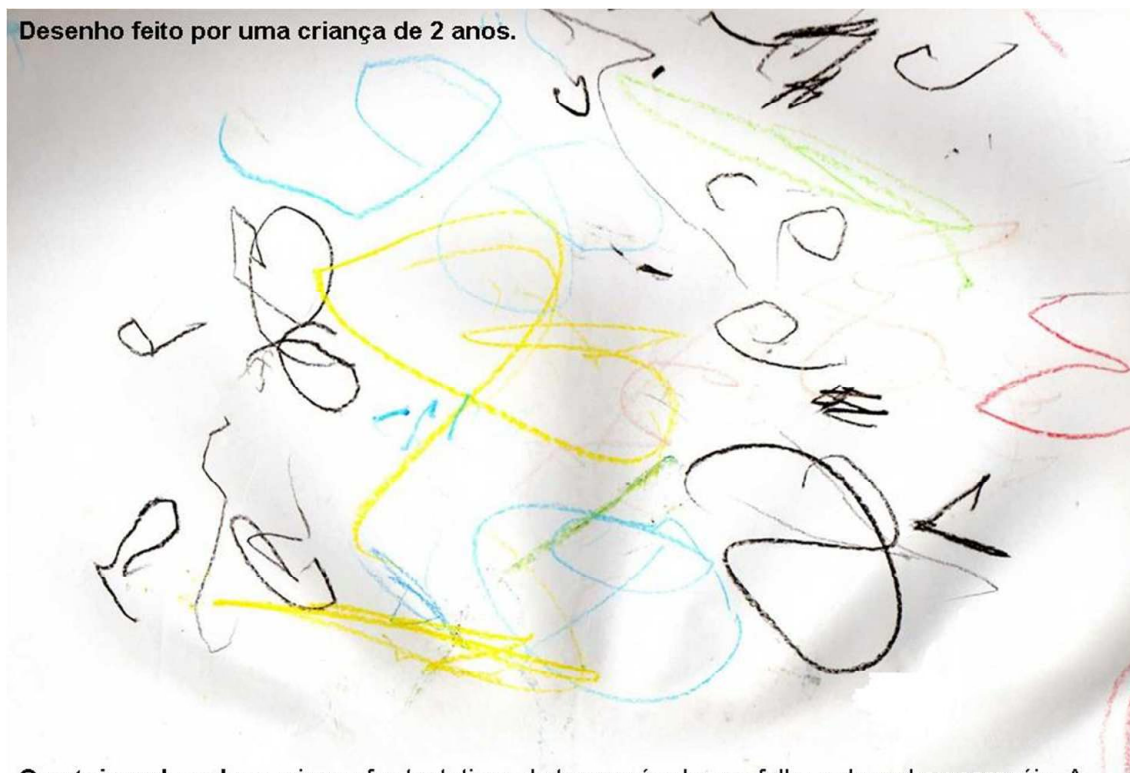
diferentes níveis estruturais da linguagem escrita podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos.

Segundo Emília Ferreiro(1990) o sujeito aprendente passa por sucessivas etapas, a saber :

Pre-silábica (Nível 1)

Início dessa construção, as tentativas das crianças dão-se no sentido da reprodução dos traços básicos da escrita com que elas se deparam no cotidiano. O que vale é a intenção, pois, embora o traçado seja semelhante, cada um “lê” em seus rabiscos aquilo que quis escrever. Nesta fase, a criança elabora a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto.

Exemplo:

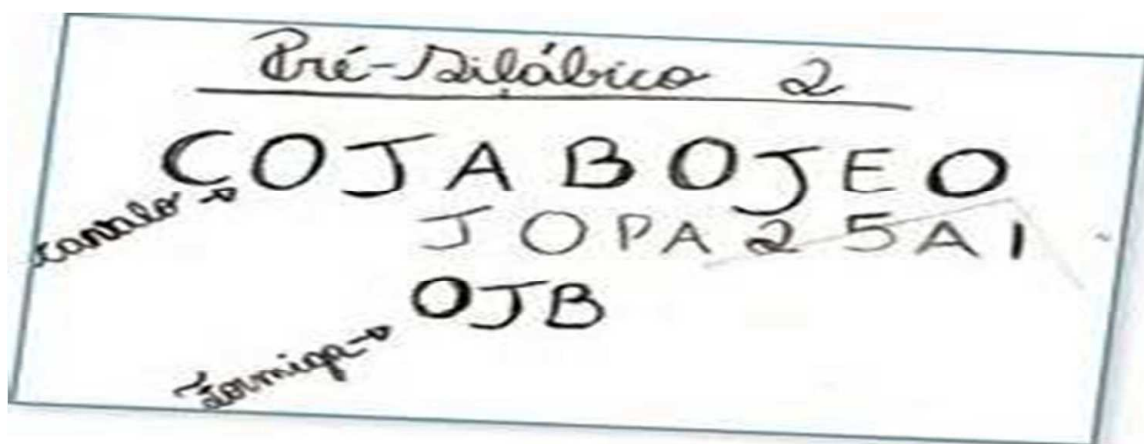


Garatuja ordenada: a criança fez tentativas de traçar círculos na folha e desenhou caracóis. A criança não ultrapassou os limites da folha, mas procurou utilizar todos os espaços sem se preocupar com a posição de cada desenho ou tamanho, ordem, etc.

Pré-silábica (Nível 2).

A hipótese central é de que para ler coisas diferentes é preciso usar formas diferentes. A criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Nessa fase, ao tentar escrever, a criança respeita duas exigências básicas a quantidade de letras (nunca inferior a três) e a variedade entre elas, (não podem ser repetidas).

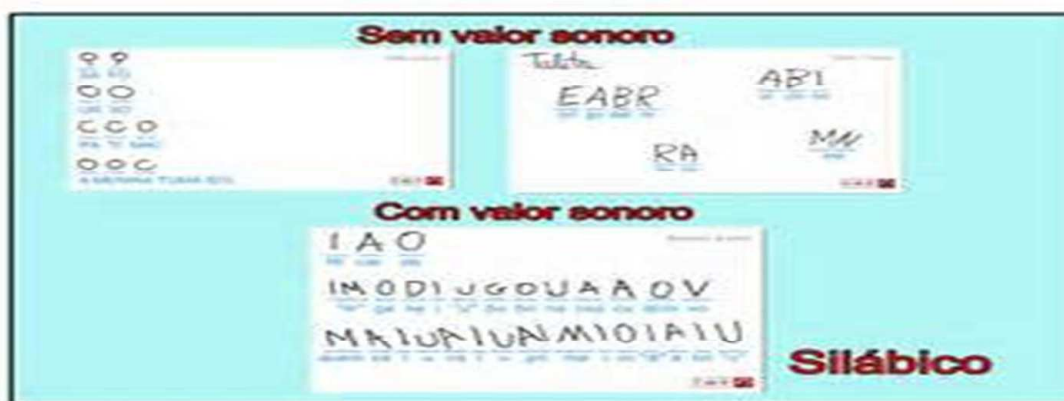
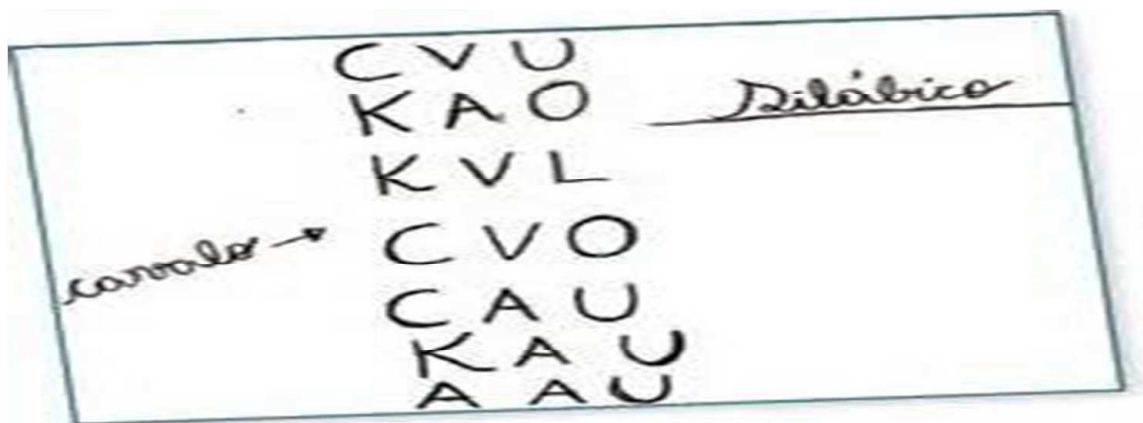
Exemplo:



Silábica (Nível 3).

São feitas tentativas de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a palavras. Surge a chamada hipótese silábica, isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada, podendo ser usadas letras ou outros tipos de grafia. Há neste momento, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigida para que a escrita possa ser lida. A criança, neste nível, trabalha com a hipótese silábica, precisa usar duas grafias para escrever palavras com duas sílabas o que vai de encontro às suas idéias iniciais de que são necessários pelo menos três caracteres. Este conflito a faz caminhar para outra fase. Neste nível a criança compreende que a diferença na representação escrita está relacionada com o som das palavras, o que leva a sentir a necessidade de usar uma forma de grafia para cada som.

Exemplo:



Silábico alfabético (Nível 4).

Ocorre então a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. Ela, então começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

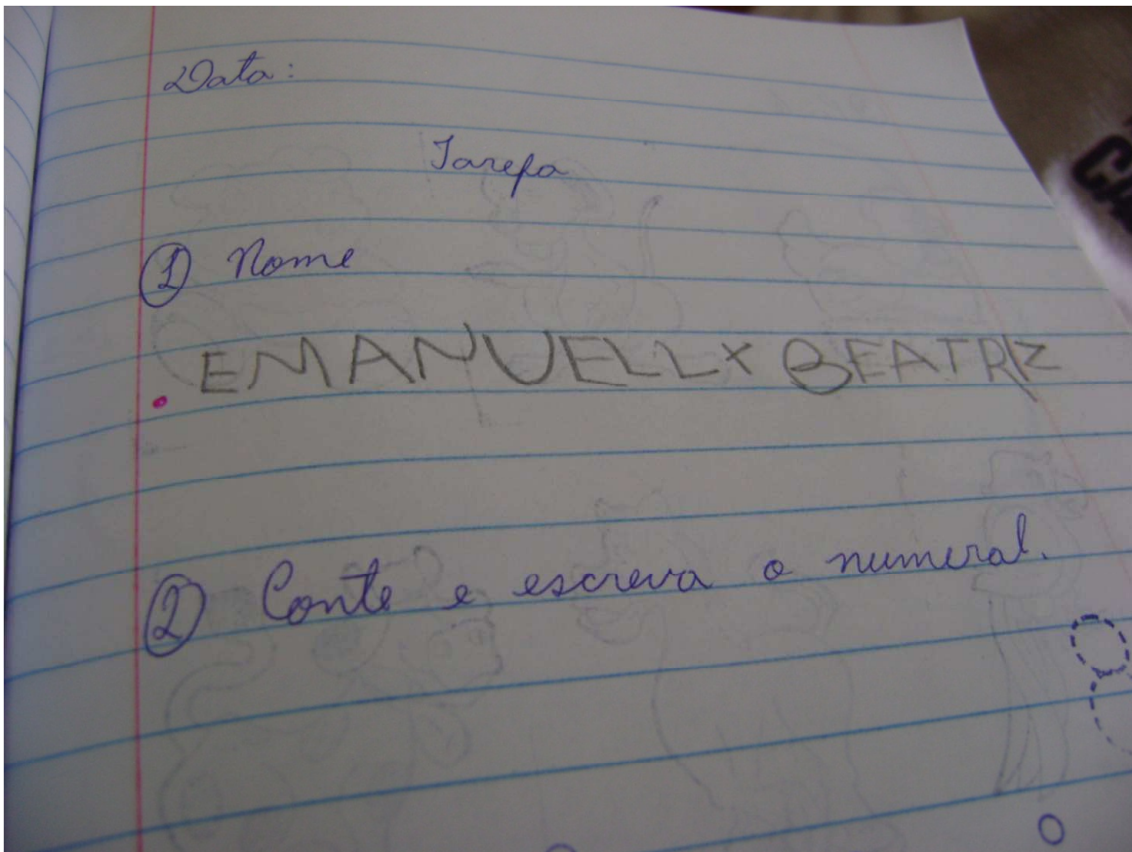
Exemplo



Escrita alfabética (Nível 5).

Finalmente é atingido o estágio da escrita alfabética, pela compreensão de que a cada um dos caracteres da escrita correspondem valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas, exigindo, portanto dois movimentos para ser pronunciada necessitarão mais do que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que lhes permitem a partir desses elementos simples, formar a representação de inúmeras sílabas, mesma aquelas sobre as quais não se tenham exercitado.

Exemplo:



Para Emília Ferreira(1990) a escrita é um objeto de conhecimento, levando em conta as tentativas individuais infantis, e a perspectiva da interação, o aspecto social da escrita, onde a alfabetização é um processo discursivo. Portanto, cabe aos pedagogos entenderem este princípio e a partir dele organizarem suas práticas.

4. O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ESCRITA

4.1 um olhar sobre a prática pedagógica

Para inovar é preciso conhecer e é na busca do conhecimento que o professor encontra subsídios para construir um espaço consistente na sala de Educação Infantil e assim poder proporcionar aos educandos uma educação significativa. Ele assume um papel de mediador entre o conhecimento e a aprendizagem realizada pelas crianças, sendo assim, o professor para exercer essa mediação, ele precisa realizar planejamentos, ou seja, precisa construir uma competência para planejar e assim poder atuar de forma segura e correta.

Um dos caminhos para a realização de um bom planejamento é reflexão da prática pedagógica e trabalhar numa perspectiva de um planejamento socializado, pois o processo de formação é para toda a escola e não apenas responsabilidade de um professor para com a sua sala de aula. Uma reflexão em grupo, onde cada um possa discutir e compartilhar suas experiências e vivências de sala de aula faz com que o professor conheça melhor o ambiente escolar em que está inserido e assim melhorar o seu desenvolvimento profissional.

A escola é vista como um lugar onde se ensina e se aprende e esta aprendizagem é construída por todos que compõe a escola. Dessa forma, pode-se dizer que a organização da escola funciona como prática educativa e que o professor ele cresce enquanto profissional, quando ele participa, escuta, colabora e também organiza e reorganiza o espaço escolar. Atuando dessa forma, o professor evita certas dificuldades que alguns professores têm em passar o discurso pedagógico do papel, para a prática.

Todos, ao chegarem à escola, já trazem consigo valores e crenças adquiridas ao longo da vida. A criança da Educação Infantil também já traz consigo algumas informações, conhecimentos, experiências e uma linguagem adquirida na sua vivência cotidiana. A escrita também está presente na vida da criança desde pequena mesmo antes dela entrar na escola. Está presente, em um brinquedo, em revistinha, em livros de literatura infantil, nos jogos de computador e vídeo game, dentre, tantas outras formas de se encontrar a

escrita, até o momento em que a criança chega até a escola quando a escrita lhes é apresentada de maneira formal.

Então o professor tem que está atento ao que o aluno já traz consigo, a idade e a capacidade da criança, para que possa selecionar o material adequado. É importante que o professor tome conhecimento do nível psicogenético que se encontra a criança e assim a partir daí apresente situações desafiadoras. Cabe ao professor mostrar a importância da escrita na vida das crianças apresentando-lhes atividades desafiadoras e aprendizagem significativas, que estejam ligadas à vida e ao interesse delas.

Diante disso, Kami (1991 p.125) destaca que:

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa escolha entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida.

De acordo com o pensamento de Kami, o professor deve transformar a sala de aula em um ambiente alfabetizador, fazendo com que a criança se sinta motivada para a leitura e para a escrita. Sendo assim, o professor deve enriquecer este ambiente com diversos tipos de materiais e oportunizar atividades que favoreçam o avanço da língua escrita. Ao ter o contato com esse tipo de material (jogos, escrita livre, o trabalho com o nome e etc.), a criança vai construindo a sua escrita e com um determinado período de estudos, ela consegue compreender a sua escrita.

Outro fator fundamental para que ocorra um bom aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem é o bom relacionamento entre professor e aluno. A criança precisa confiar no professor e acreditar na aprendizagem que ele está orientando.

Então, podemos dizer que educar é muito mais do que passar conteúdos, é preparar o ser humano para a vida, é estar pronto para enfrentar as dificuldades encontradas, assim alcançar os seus objetivos e seus sonhos.

A reflexão pedagógica sobre a prática cotidiana dos professores da Educação Infantil é algo que me levou a realizar este estudo. Ao identificar no cotidiano as dificuldades da escrita sempre presentes nas classes de educação infantil, bem como, a percepção da realidade vivenciada pelo profissional desta área.

Acredito que a educação infantil necessita de mudanças pedagógicas: precisa ser mais desafiadora; crer na capacidade de aprendizagem das crianças, repensar o papel da escrita, oportunizar as crianças vivência de escrita desde as turmas de educação infantil.

Sei que o trabalho do educador é uma tarefa árdua, difícil, mais com esforço, dedicação, e amor a essa profissão espera-se melhorar a educação. Portanto, o trabalho do professor pressupõe um olhar atento e alerta ao desempenho infantil, e este trabalho deve ser preocupado com a participação ativa e efetiva de todas as crianças.

A principal atividade do professor é a docência e para isso, é preciso a profissionalização e a competência. Para se chegar à profissionalização de qualidade, o professor deve ter acesso à formação inicial e à formação continuada, além do mais, deve vivenciar tal processo formativo com ética e compromisso, para posteriormente desenvolver a mediação pedagógica de modo significativo.

Nos dias atuais, existem vários acessos ao conhecimento e este, está em constante processo de mudanças. Nós professores precisamos acompanhar essas mudanças. Então ao buscar uma formação continuada, cursos de capacitação e também ao adquirimos na docência a prática da leitura e escrita, estaremos mudando também, e com isso, buscando novos conhecimentos.

O processo de formação docente é amplo e complexo. Existe toda uma cultura de desvalorização da docência, a imagem do curso de Pedagogia para a sociedade é de um rebaixamento em relação aos outros cursos. Isso graças as políticas de desvalorização da docência empregadas por nossos

governantes. Tal postura é equivocada, tendo em vista que o papel do professor não é simplesmente ministrar aulas, envolve todo um processo de desenvolvimento das pessoas.

Quanto a identidade profissional dos professores, esta, é construída mediante o contexto social em que se está inserido. Não podemos defini-la, considerando a prática da sala de aula. Se as transformações nos dias atuais são intensas e se as exigências educacionais são outras, então o professor de hoje também é outro, que deve ser capaz de exercer a docência correspondendo às novas realidades da sociedade.

Hoje mais do que nunca o professor tem que ter competência e habilidade para se manter atualizado e no mercado de trabalho e para isso, ele deve buscar qualificar-se e buscar conhecimento. Os conhecimentos diversos qualificam a ação docente. Por outros termos, o professor precisa conhecer para fazer, saber da experiência por si só não basta, é preciso outros saberes.

Portanto, a responsabilidade do professor e dos que estão em formação é muito grande, desde quando se faz necessário o processo de mudanças, as lutas, a criatividade, e o exercício da cidadania, para a efetivação da prática docente.

Neste capítulo discorrerei também sobre a prática pedagógica na escola. Apresentarei aspectos relevantes sobre o processo de ensino e aprendizagem da escrita na educação infantil, bem como os métodos utilizados pela professora da sala em estudo.

As observações foram realizadas no período de 11 a 14 de novembro do ano de 2013, na sala do Pré I na Educação Infantil. Durante tais observações percebemos o quanto é complexo o processo de ensino e aprendizagem da escrita na Educação Infantil.

A sala na qual realizei a observação era composta por vinte e cinco alunos na faixa etária entre quatro e cinco anos, mas a professora falou que “nunca vêm todos, pois os alunos faltam muito”. Fato este comprovado e observado no decorrer da semana: na segunda-feira compareceram dezesseis crianças, na terça, apenas dez, mas na quarta para compensar compareceram dezoito, já na quinta foram à escola dezesseis crianças e na sexta foi feriado.

As aulas nesta turma eram ministradas por uma professora com idade de trinta e seis anos e que já estava na educação há mais de dez anos. A

docente falou que “adorava ensinar na Educação Infantil” e que se sentia realizada fazendo este trabalho.

Durante a semana observada, foi notado que a professora seguia uma mesma rotina diariamente e que obedecia a seguinte ordem; chegada, brinquedos, oração, rodinha, hora da história, atividade de caderno, lavar as mãos, merenda da escola, recreio, lanche de casa, massinha e despedida.

No que diz respeito às rotinas na Educação Infantil, Barbosa(2006, p.35) postula que:

A importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de construir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado. É possível afirmar que elas sintetizam o projeto pedagógico das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais. A rotina é usada muitas vezes, como cartão de visitas da instituição, quando da apresentação destas para os pais ou à comunidade, e ou como um dos pontos centrais de avaliação da programação educacional.

Desde o primeiro dia até o último dia observado, percebi que a rotina era seguida pela professora e dessa forma as crianças já sabiam a hora certa para determinada tarefa aplicada por ela, tornando assim o seu trabalho mais fácil e prático. Ao chegar à sala de aula, as crianças se dirigiam para as suas carteiras, guardavam seus materiais e depois se direcionavam para o centro da sala onde permaneciam brincando com os brinquedos e jogos educativos, até que todos chegassem.

No primeiro dia observado, as 07:30min., a professora A convidou alguns alunos que estavam sentados nas mesinhas para ajudar os coleguinhas a guardar todos os brinquedos no armário. Percebi então, que ela trabalhava com as crianças o conceito simples de educação e solidariedade, que se deve ajudar aos colegas; como também trabalhava outros princípios básicos como, por exemplo, pedir desculpas, dar bom dia, dizer obrigado, respeitar a fala do outro, aprender a dividir, não brigar, etc.

Logo após esta primeira parte da rotina ela convidou as crianças a sentarem no chão em forma de roda e começou a contar a história do Pinóquio proporcionando a interação com os alunos, perguntando o nome dos personagens, de que era feito aquele boneco, por que o seu nariz era grande,

se era correto mentir como Pinóquio fazia e se a atitude de abandonar a escola e viver de brincadeiras, também era correta. A história era contada de tal forma, que todos ficavam admirados, prestando atenção a cada detalhe contado e explorado pela professora, ao mesmo tempo eles demonstravam curiosidade pela história contada. Na mesma proporção que as perguntas eram feitas pela professora, as respostas dos alunos fluíam naturalmente como também era desenvolvido um olhar curioso nas crianças. Elas queriam saber por que o boneco de madeira mentia; se o vovô dele ficava triste quando ele mentia. As crianças faziam comentários relacionados à história como, por exemplo: “O Pinóquio só cresceu orelhas de burro e rabo de burro porque ele não queria estudar, por isso que eu estudo”! Nesse momento ficou claro que as crianças ficam encantadas com o mundo imaginário da literatura infantil.

Tendo em vista que a pesquisa sobre o tema Literatura Infantil aponta que a história infantil é um caminho aberto para novas descobertas e o início da aprendizagem tanto para a criança, quanto para o educador. O ato de ouvir histórias possibilita à criança um contato direto com o mundo da fantasia, com o imaginário, através do qual ela poderá extravasar emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, a alegria, o medo, o amor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras emoções que a narrativa promove por intermédio da narrativa dos contos literários.

Não se conta uma história de qualquer jeito, tem que esta familiarizada com as palavras, com a sonoridade das frases, dos nomes, com o acerto das rimas, enfim, com todo o jogo de palavras que o texto apresenta, tem que saber o conteúdo da história, as relações entre os personagens e principalmente saber o que a história que passar para o leitor.

No segundo momento, após o recreio, a professora realizou uma atividade de recorte e colagem para a confecção do boneco Pinóquio de papel. Primeiro, ela entregou para as crianças o desenho xerocopiado das partes do corpo do Pinóquio para que cada criança pintasse com lápis de colorir, após a pintura as crianças começaram a recortar as partes do boneco e depois colaram, montando assim, o boneco, ao final da aula as crianças faziam a exposição de suas tarefas no varal da sala.

Elas adoraram essa atividade, mas percebi que uma das crianças tinha dificuldade de pegar na tesoura para recortar o papel e não conseguiu realizar

a tarefa, com tanto êxito quanto as demais crianças. Ao ser questionado sobre isso, a professora relata que essa criança falta muito e que por isso tem dificuldade de realizar todas as tarefas. Diante desse fato, perguntei à professora o que ela fazia para ajudá-la e ela respondeu que colocava a criança sentada próximo a ela para lhe dar mais atenção e auxiliá-la no que fosse preciso, mas, mesmo assim, o trabalho torna-se um pouco difícil pois a turma é numerosa e ela não tem monitora que a auxilie.

Posso dizer que na semana em que observei, não ocorreu muitas mudanças na metodologia da professora, ela seguia sempre a mesma rotina, a aula começa com os brinquedos, depois a acolhida em roda cantando o bom dia, e logo após ela encaminha tarefa no caderno.

No segundo dia observado, depois da rotina de brinquedos livres, a história contada foi a do “Patinho feio”. Para contar a história, ela utilizou os mesmos critérios usados para contar a história do Pinóquio: rodinha, leitura em voz alta, e discussão da história. As perguntas da professora desta vez estavam voltadas para a questão da diversidade. O tema foi bastante proveitoso, algumas crianças acharam que o patinho agiu certo em sair de casa, segundo a fala de um deles “não era bom as pessoa mangar da gente”, já outras crianças diziam que “o patinho feio não deveria ter saído de casa sozinho, pois era muito perigoso”.

A professora A escutou atenta aos comentários e ressaltou que as crianças devem respeitar as pessoas diferentes. Em sua fala, ela dizia que “não importava a cor da pele, se era preta ou branca, não importava a posição social, se era rica ou pobre. Nós somos diferentes, mas temos os mesmos direitos e isso é que é legal”.

Em um determinado momento da aula ela perguntou às crianças se o mundo teria graça se todos fossem iguaiszinhos, e comparou as pessoas aos lápis de cores, cada um com a sua importância. Neste instante, uma das crianças ressaltou que seus desenhos não teriam graça se fossem pintados só de uma cor, então a professora A reforçou que “da mesma forma acontecia com as pessoas. Se todo mundo fosse igualzinho o mundo não teria graça”.

Na sala observada, não tinha nenhuma criança negra, mas tinha uma criança quase albina, ela era tão branquinha que quando saía para o recreio vestia uma camisa de manga comprida por causa do sol. Não percebi nenhuma

discriminação em relação a essa criança, mas mesmo assim a professora trabalhava o respeito e a diferença em suas aulas. Nesta ótica, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil(2010, p.21) recomendam que: “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação”, tem que fazer parte das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil.

Em seguida, a professora A realizou uma tarefa no caderno e explicou para os alunos que as letrinhas do alfabeto também eram todas diferentes, mas que cada uma tinha a sua importância e pediu que as crianças fizessem um ditado do alfabeto. Na medida em que ela ia ditando o alfabeto, as crianças teriam que escrever a letra dentro do círculo carimbado do caderno, logo após a explicação ela entregou os cadernos a cada criança e começou o ditado. Pouco tempo depois, ela percebeu que algumas crianças estavam escrevendo o alfabeto sem ela ditar, olhando pelo trezinho do alfabeto que estava exposto na parede da sala, então resolveu começar o ditado de traz pra frente, pois assim, as crianças só escreveriam quando ela ditasse.

Observei que antes de realizar as tarefas, a professora A sempre explicava a importância da escrita do nome delas. Ela disse: “todas as tarefas precisam constar o nome para que eu possa saber de quem é a tarefa, quem está caprichando e quem aprendeu”. Foi observado também que algumas crianças já sabiam escrever seu nome completo sozinhas, outras (aproximadamente umas cinco crianças), precisavam do auxílio do crachá, mas já conseguiam identificar o seu nome e iam até o quadro dos crachás e pegavam aquele que continha seu nome para assim escrevê-lo.

Portanto, é importante ressaltar a importância da escrita do próprio nome, pois este tem um significado todo especial para a criança, o nome a apresenta, como pessoa e identifica seus pertences (mochilas.) marcando sua presença no ambiente em que vive.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil(2010) as crianças que não sabem escrever de forma convencional, ao receberem um convite para fazê-lo, estão diante de uma verdadeira situação-problema, na qual se pode observar o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. No entanto, a metodologia de ensino da professora A se baseia

na cópia e não possibilita a construção de hipóteses, por parte das crianças, contrariando a orientação de Ferreiro (1990,p.148)

Tal prática deve favorecer a construção da escrita de acordo com as ideias construídas pelas crianças e promover a busca de informações específica de que necessitem, tanto nos textos disponíveis como recorrendo a informantes (outras crianças e o professor) ... O conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita precisa ser construído pelas crianças com a ajuda do professor. Para que isso aconteça é preciso que ele considere as ideias das crianças ao planejar e orientar as atividades didáticas com o objetivo de desencadear e apoiar suas ações, estabelecendo um diálogo com elas e fazendo-as avançar nos seus conhecimentos.

O trabalho com a escrita pode ser enriquecido de diversas maneiras, o uso do computador é uma delas. Nesta perspectiva, no terceiro dia observado, depois da mesma rotina a professora A organizou as crianças em fila e levou a turma para o laboratório de computação, lá as crianças se encantaram, a aula foi para digitarem seu nome na tela do computador e também o nome do personagem da história contada na aula anterior. Com isso as crianças ficaram muito entusiasmadas e puderam identificar as letras do seu nome no teclado e digitar no computador

Após o recreio, no segundo momento não teve aula, pois um dos coleguinhas estava aniversariando e sua mãe fez uma festinha para ele na sala, foi muito divertido, as crianças cantaram parabéns e comeram bolo de chocolate, também teve refrigerante e salgados, todos se divertiram muito. Logo depois dos parabéns, a professora A fez com que todas as crianças dessem os parabéns ao colega com um abraço, percebi que algumas crianças ficaram com vergonha de abraçar o colega.

No quarto e último dia observado, a aula não foi diferente, a história contada pela professora A foi “Menina bonita do laço de fita”, essa história relata assuntos como: a ancestralidade, identidade, diversidade e enfatiza também as diferenças de cor como o branco e o negro, ética e valores. Nesta história não teve tanta empolgação da turma, pois como era uma história nova para eles, algumas crianças ficaram dispersas, sem muito interesse. Portanto, considero que nesta história ela deveria ter trabalhado diferente, pois existem outras maneiras para se contar histórias, ela poderia ter usado estratégias

como a dramatização da história, teatro de bonecos, cineminha, montagem com gravuras, entre outras. Assim, talvez esta aula tivesse sido mais proveitosa.

No segundo momento, foi realizada uma tarefa, em que as crianças receberam recortes de EVA em formas geométricas e pedaço de aço de bombril, e com a orientação da professora A, as crianças montaram a personagem “menina bonita do laço de fita” e usaram a palha de aço para fazer o cabelo da menina.

A escola não trabalha com livro didático, utiliza-se de projeto, elaborado pela Secretaria da Educação. No entanto, a professora falou que adequava as atividades de acordo com o projeto. No entanto, observei que as atividades eram quase sempre no caderno e todas com o auxílio de carimbos, uma atividade bem prática

Ainda em relação à estrutura da escola, as salas de aula são amplas e arejadas, possuem duas janelas e dois ventiladores de parede e outro de pé, só que este estava com defeito tinha um barulho imenso, até uma das alunas disse que parecia um avião e durante uma das aulas a professora teve que desligá-lo. A sala é também decorada por cantinhos, o que me chamou atenção foi o “cantinho da leitura” que era um quadro feito de TNT onde as crianças tinham acesso aos livros de literatura infantil.

Referindo-se a relação professor/aluno, tal relação acontecia de maneira bem harmoniosa, a professora A tinha total domínio da turma com disciplinamento, (sem precisar de tá gritando com as crianças). Quando estava explicando a tarefa, se alguma criança levantasse a mão ela parava e escutava o que a criança dizia, percebi que assim ela conquistava o respeito das crianças.

Conclui-se, então, que o respeito à diversidade e a valorização das características étnicas e culturais são atitudes fundamentais dentro da escola/sala de aula. Então devemos levar em consideração que o pensamento da criança dessa faixa etária é bastante peculiar e não se pauta na razão, mas na emoção e na subjetividade.

4.2 análise de uma prática de escrita na educação infantil

Tendo em vista o aprofundamento dos dados, realizei uma entrevista aberta, com a professora A, em que foi direcionada seis questões voltadas para o conhecimento de como se dá o desenvolvimento da escrita na educação infantil. Ao perguntar sobre sua concepção da escrita na educação infantil, a professora A apresenta em sua resposta como deve ser trabalhada a escrita nesta etapa educacional. Em sua fala, a docente diz que

A escrita na Educação Infantil deve ser trabalhada, integrando um todo, ela não é a única razão de ser da educação infantil. A escrita deve se integrar à leitura preocupando-se em desenvolver ações que envolvam a criatividade, a solidariedade, a cooperação, a construção da autonomia e a autoconfiança.

Percebe-se que a sua concepção está voltada mais para a prática docente, pois percebeu-se que em sala de aula, os alunos adoravam quando a professora A contava histórias e podia-se ver claramente na contação das histórias a integração desse todo em sua fala. O incentivo a leitura e a interação com a história, oportunizava as crianças a vivenciarem essa história e com isso aprendiam valores que iriam servir de apoio para a construção da sua autonomia, sem contar que a proximidade entre a escrita e as gravuras da história contada trazia informações relevantes para as crianças, na tentativa de descobrirem o nome de cada objeto ilustrado.

É em Ferreiro (2011, p.67) que esse pensamento se encontra mais claramente. A autora afirma que:

O significado de um texto escrito é, portanto, inteiramente dependente do contexto. Se o contexto for um livro com figuras, imagina-se que as letras “digam” o nome dos objetos ilustrados. A proximidade espacial entre a escrita e as gravuras é a informação relevante que as crianças procuram para descobrir qual dos textos escritos poderia “dizer” o nome de cada objeto ilustrado.

Percebe-se que a sua fala não entra em contradição com a prática que esta profissional desenvolve em sua sala de aula, uma vez que em suas aulas, as crianças estão em contato com os textos, com as gravuras e conseqüentemente com a escrita. Na proporção em que ela vai incentivando o hábito da leitura, ao contar histórias, ela vai também trabalhando a interpretação da escrita com a atribuição de significados a um determinado

texto escrito, sobre este aspecto Ferreiro (2011, p.67) diz “Uma das primeiras ideias que as crianças elaboram em relação ao significado de uma sequência de letras é a seguinte: as letras representam o nome dos objetos.” Desta forma, o ato da leitura é trabalhado pela professora A pode ser concebido como um processo de informações com um objetivo final de obter o significado expresso linguisticamente.

Reaparece aqui a mesma opinião apontada nos parágrafos anteriores. Ao ser questionada sobre como trabalhava a escrita em suas aulas, ela respondeu: “Procuro explorar a leitura de tudo que está em volta da criança na sala de aula. Seja letras isoladas, cartazes, panfletos, gibis, histórias infantis. Procuro também trazer fatos e acontecimentos que ocorrem diariamente e promovo com isso discussão coletiva com as crianças”.Essa fala da professora A, comprova mais uma vez que “[...] muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram a seu redor.” (FERREIRO, 2011 p.65).

Similarmente ao pensamento desta autora, durante os dias de observação na sala de aula da professora A, foi constatado que ela trabalha a leitura também como um subsídio para a escrita inferindo com isso a atribuição de significado ao que se aprende. Tornando como exemplo a aula em que ela contou a história do Pinóquio, pode-se afirmar que as primeiras interpretações feitas pelas crianças foram ao ouvir a história e relacionar a palavra PINÓQUIO a um boneco de madeira e, sempre quando a professora se referia a esta palavra as crianças logo sabiam que ela estava falando do tal boneco. Não é difícil inferir de tudo isso mais uma explicação para a aquisição da escrita de forma significativa: É “através de uma reconsideração do processo de leitura e da atividade do leitor, que fez passar para o primeiro plano fatores tais como a antecipação significativa e o conhecimento linguístico que o leitor traz para a tarefa” (FERREIRO, 2011 p.83). Logo, paulatinamente, o que era considerado como um código de transcrição de sons em grafemas ou meras garatujas, hoje as produções escritas adquiriram um novo significado. Aprender a ler e a escrever a partir de um todo, ou seja, de um texto é como se você passasse de um estado de conhecimento menor para um estado de conhecimento maior.

A professora A ao ser indagada sobre quais recursos didáticos mais utilizava nas aulas para trabalhar o processo de escrita, ela respondeu da

seguinte maneira: “som, DVD, computador, livros de literatura infantil, gibis, jogos educativos dentre outros”. Percebe-se na fala (de forma direta) da professora A que fica evidente a busca dela e o seu envolvimento com o universo da escrita. Na medida em que as crianças iam criando histórias, brincando e jogando a professora A ia experimentando diversas linguagens, principalmente a linguagem escrita. Nas observações foi notório o interesse das crianças pela leitura e pela escrita, pois a todo o momento, elas faziam relações entre as letras de seus nomes e a de cartazes exposto na parede; nos livros de literaturas, na hora da contação de histórias reconheciam letras e tentavam recontar a história. Na sala de computação, ao escreverem seus nomes na telinha do computador mostravam-se curiosos, ativamente buscando as letras no teclado e as relacionando com algo já estudado.

A criança mesmo não sabendo o código escrito, mas já folheia livros, ouve histórias e recria essas histórias, essa criança já é de certa forma letrada. Em consonância com esse pensamento Osteto (2012, p.100) diz que “letramento é reconhecer um produto pelo rótulo, identificar o nome de alguém querido numa revista, ver-ler histórias, livros ou gibis, reconhecer símbolos e placas.” Sendo assim, nas aulas da professora da sala em estudo foi observado que esta permite que as crianças estejam em contato com o mundo letrado de forma natural e prazerosa. Dessa forma não se pode negar o entusiasmo das crianças ao se deparar com os objetos do mundo letrado apresentados pela professora em suas aulas. A criança precisa perceber que cada palavra escrita expressa objetos, ideias e sentimentos e que antes da criança realizar a leitura de textos escritos seria interessante “a criança compreender que a palavra escrita corresponde e significa um objeto ou uma ação concreta” (Kramer e Abramovay 1986, p.170).

Nesse sentido, concordo com as autoras, pois é fundamental mostrar para as crianças para que serve e como funciona o ato de ler e escrever possibilitando assim as crianças a realizarem diversos tipos de linguagem, inclusive a linguagem escrita. Isso foi observado quando as crianças da sala em estudo realizavam as atividades de colorir, brincar, pular, desenhar, recortar como também a atividade de escrever. Na medida em que elas iam realizando a atividade a professora de forma prazerosa ia passando valores e aprendizagem de forma significativa.

Acredito que a professora colaboradora desta pesquisa, também considera ser esta a melhor maneira de ensinar aos seus alunos, visto que eles apresentam interesse e entusiasmo pelas aulas. O fato de as crianças apresentarem interesse pelas aulas da professora não impedia de apresentar uma frequência relativamente baixa. Fato esse constatado durante as observações e quando foi perguntada a professora quais as dificuldades das crianças em relação à escrita. Em sua fala a professora A se expressou da seguinte forma:

Elas apresentam maiores dificuldades por faltarem muito às aulas e também devido a um convívio sócio cultural diferenciado. Alguns apresentam reflexos dos conflitos vivenciados por eles, em casa e devido a isso, talvez, acarretem um certo bloqueio emocional.

De acordo com o que foi observado em sala de aula, as crianças costumavam faltar as aulas e quando retornavam, os pais das crianças não apresentavam nenhuma justificativa pela falta demonstrando assim, uma forma descompromissada com a educação do filho e quando a professora lhes perguntava o porquê da falta da criança, eles lhes respondiam que as crianças não queriam vir para a escola. Porém, observou-se também que uma vez presentes em sala de aula, as crianças demonstravam interesse em aprender e aparentemente pareciam gostar de estar ali. Constatou-se também que as crianças que frequentavam habitualmente a escola, pertenciam a uma classe social mais estruturada e com pais mais comprometidos com educação dos filhos. Nesse sentido, a aprendizagem na escola sofre “a marca da discriminação em favor das classes sociais economicamente privilegiadas” (SOARES 2010, p.22).

É evidente que esse contexto escolar, com seus preconceitos sociocultural afeta no processo de aprendizagem das crianças, mas as crianças não têm culpa de estarem inseridas nesse contexto, portanto não é porque as crianças das classes privilegiadas se adaptam mais facilmente as expectativas da escola que vamos considerar alguns pressupostos falsos como os que afetam as crianças das classes populares (“carência cultural”, “deficiência linguística”).

Na escola, os professores não tem o poder de transformar o mundo, mas a sua práxis de alguma forma contribui para uma mudança, por menor que ela seja. Nesse sentido, a educação é entendida como um ato político, pois ela

[...] é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 1997 p.110).

Logo, cabe ao professor em especial refletir, repensar e porque não rever algumas posturas/attitudes em relação a prática docente. A professora A ao ser indagada sobre a avaliação de sua prática docente e o que precisaria melhorar, se expressa da seguinte forma:

Eu vejo a minha prática docente como uma prática que está sempre em construção. Todos os dias eu aprendo um pouquinho com meus alunos e com isso eu busco diferentes estratégias de aprendizagens que atendam e favoreçam o desenvolvimento das crianças.

Concordo com a professora quando ela fala que sua prática está em constante transformação, pois a prática educacional não é um processo acabado, com começo e fim determinado. A educação está sempre em constante mudança, porém, diante das observações in loco pouco se percebeu de inovador na prática da professora. Constatou-se que ela obedece a uma rotina e que especificamente não muda muito. As histórias são diferentes a cada dia, mas as variadas atividades mimeografadas ainda apresentavam conteúdos mecânicos e repetitivos, como a habitual cópia do alfabeto que estava disposto em um trezinho na parede. De acordo com a entrevista realizada, a professora demonstrava que busca inovação para a sua prática através de músicas, histórias gibis e jogos de montar e encaixes, verificou-se que estes eram usados como forma de ocupar as crianças até que todas chegassem, o que deveria ter uma orientação e ser utilizado de forma contextualizada.

A prática do professor influencia o aluno por toda a sua vida, por isso a reflexão dessa prática se faz necessário na formação do professor. De acordo com Nóvoa (1954, p.57) “A formação não constrói por acúmulo (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade

peçoal.” Portanto, as práticas pedagógicas necessitam de uma reflexão por parte dos professores no sentido de estes buscarem metodologias dinâmicas e atrativas que favoreçam uma aprendizagem significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo apontam que a prática docente da professora que foi sujeito desta pesquisa demonstra competência e habilidades necessárias ao exercício da docência. Foi possível identificar seu compromisso com os princípios da Educação Infantil.

Foi observado que a professora A recepcionava os alunos de forma prazerosa, cantava com eles e estabelecia um diálogo informal com os alunos, durante a contação das histórias o que se configurava como algo muito positivo. Em contra partida, na atividade do “ditado” as crianças mecanicamente apenas reproduziam as letras do alfabeto que estavam dispostas na parede. ou seja, em sua prática ainda estão presentes resquícios de uma educação reprodutivista.

A pesquisa realizada vem reforçar a necessidade de que o educador deve estar atento para perceber o conhecimento prévio que a criança traz consigo e assim relacionar o que ela já tem com o que a escola pode propiciar. Os saberes que a criança traz, já tem um significado para a sua vida então, esses saberes devem ser somados e considerados na vivência escolar. Eles tem importância significativa para a aprendizagem. Na análise das aulas, ficou constatado que o contexto social inserido no contexto escolar influencia de forma marcante na aprendizagem das crianças.

Portanto, o resultado dos saberes das crianças não é imediato e nem homogêneo, nessa perspectiva, a diversidade existe e precisa ser respeitada. Os saberes dos professores são construídos na medida em que se teoriza e se pratica a docência. Nesse sentido, o ensinar é uma via de mão dupla, ou seja, uma troca de saberes. Dessa forma, na convivência diária com o aluno, o professor vai ensinando e aprendendo.

No caso da análise desenvolvida, se constatou que a professora investigada, apresenta saberes e conhecimentos práticos e teóricos como também apresenta uma concepção de escrita que está em consonância com a leitura. Para ela a escrita deve ser trabalhada em parceria com a leitura. A sua metodologia de ensino contribuiu bastante na aprendizagem das crianças em

estudo na medida em ocorria uma proximidade entre a escrita e as gravuras de cada história contada mas, por outro lado, não ajuda em nada, quando está relacionada as atividades reprodutivistas. E ainda quando estabelece uma rotina e que especificamente não muda muito.

Os dados coletados confirmam que a professora não auxilia de forma adequada as crianças com menos habilidades para realizarem determinada tarefa, não por ser uma turma numerosa e nem por não ter uma monitora, como ela mesma diz, mas por apresentar atividades iguais para todos os alunos, mesmo sabendo das diferenças existentes na sala. Sendo assim, vale mais uma vez ressaltar a reflexão sobre a prática pedagógica. Deve-se repensar o planejamento e trabalhá-lo na perspectiva de que este tenha mais resultados, porque não existe uma sala de aula homogênea. É fundamental que possamos nos observar enquanto pessoa, nosso nível de competência e também nosso conhecimento.

Ficou explicitado na análise, que a professora A é detentora de um conhecimento amplo sobre a escrita e por isso suas aulas apresentam estímulos e são realizadas de maneira a despertar o prazer nas crianças. A respeito do processo de ensino e aprendizagem no que confere as práticas e métodos utilizados pela professora investigada, para a aquisição da escrita. Percebe-se que a sua prática pedagógica possibilita a construção do conhecimento, do fazer docente, e, a partir dela, a professora vai adquirindo os saberes e experiências necessárias ao exercício da docência. No entanto, esta prática não possibilita uma compreensão teórica, logo, conclui-se que teoria e prática docente devem caminhar lado a lado.

Nesse momento, não pude deixar de relacionar as respostas direcionadas a formação da professora A e a prática, com o que ouvi de alguns colegas, no curso de Pedagogia em relação ao Estágio, “que na prática a teoria é outra”, e “que ser professor se aprende com a prática.” De fato, a prática é muito importante para o professor, mas, para que a atuação da docência seja de forma efetiva, precisa-se da teoria e da prática. Não existe método pronto, é preciso que o professor conheça-os para atender a diversidade presente na sala de aula.

nesse sentido, vale lembrar que para inovar é preciso conhecer, ou seja, temos que repensar a nossa prática pedagógica, pois a prática fica obsoleta sem uma reflexão para transformá-la. O desafio que está posto é estimular o prazer e fazer com que o aluno se sinta encorajado para aprender.

Mesmo que as crianças ainda não saibam ler e escrever formalmente, elas devem estar inseridas no mundo da escrita, podendo interagir com ele por meio dos diversos materiais adequados para a efetivação do ato de escrever e também por intermédio do professor, quando faz a mediação através da leitura de textos de boa qualidade articulados aos saberes prévios das crianças.

A importância de ler para a criança reside em colocá-la em contato com as mais diferentes formas de escritas, colocando-o ao alcance da criança para que assim ela consiga desvendar os mistérios do ato de escrever.

Dessa forma, concluí que a diversificação de gêneros textuais se faz necessária para aprimorar essa relação da aprendizagem escolar com a aprendizagem social. É preciso que as crianças tenham acesso a diferentes tipos de conhecimento para que sejam capazes de provocar mudanças na realidade tornando-se, assim, cidadãos críticos e reflexivos. Nesse sentido é interessante destacar que as experiências fora da escola também contam. Cabe registrar que as crianças que apresentavam pais mais comprometidos com a educação dos filhos tinham uma aprendizagem maior e melhor em relação aos pais que deixavam os filhos faltarem às aulas.

Contudo, o estudo realizado trouxe reflexões de como devemos prosseguir a escrita em sala de aula e passei a refletir mais a prática docente procurando acertar o que antes considerava que estava certo. Assim, fica a recomendação de que quando conhecemos a teoria e associamos com a nossa prática, o ensinar ganha um novo sentido.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 240p. ; 23 cm.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 volume.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

FERREIRO, Emília. **A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmo e melodia**. São Paulo: Cortez, 1990.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. (tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro). 20.ed.São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2.ed. Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.

KAMI, Constance. DEURIES, Rheta. **Piaget para educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de e VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer.** 2 ed. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 1954.

OSTETO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores.** Campinas, SP: Papirus 2012.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz, **História da Infância:** reflexões acerca de algumas concepções correntes. Guarapuava – Paraná: 1981.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares. Infância e rememoração: reflexões possíveis sobre a experiência do brincar. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vitor Mussolin; MORENO, Gilmara Lupion (Org.). **As crianças e suas infâncias:** o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

ANEXOS



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada **“A escrita na educação infantil”** sob a responsabilidade da pesquisadora ELISSANDRA PONTES PEREIRA MARTINS, Matrícula 208230146, graduanda do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG da Cidade de Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo das crianças.

Os dados serão coletados através de observações.

Será garantido o seu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo de dados confidenciais.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço UAE campus Cajazeiras – PB, pelo telefone (83) 3532-2088, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa –

CEP/HUAC, na Rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, Campina Grande – PB, pelo telefone (83) 2101-5545.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terá livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora.

Consentimento pós-informação

Eu, _____,
fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Cajazeiras – PB, _____ de _____ de 2014

Assinatura do professor (a) pesquisado

Assinatura do pesquisador (a) responsável

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

I-Dados de identificação:

Nome:

Idade/ opcional:

Formação básica:

Graduação: () Sim () Não. Qual _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola _____

Tempo de conclusão da formação em magistério _____

Escola:

Localização:

II- Roteiro de observação:

01-Será feita uma visita a Escola Municipal Crispim Coelho, localizada em Cajazeiras para conhecer a estrutura física da instituição e escolha do sujeito da pesquisa.

02-Após essa visita, será marcada uma semana de visitação a escola para fazer observações com relação ao processo de ensino e aprendizagem da escrita na educação infantil.

03-Essa observação será feita na sala de aula, através de registros diários, que irão identificar:

- Planejamento das aulas da professora em relação a escrita,
- Recursos didáticos utilizados pela professora nas aulas,
- Observar a relação entre a professora e as crianças,
- Nível de dificuldades das crianças em relação à escrita,
- A concepção que a professora tem a respeito da escrita.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA FEITA A PROFESSORA DO PRÉ I DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA, NA CIDADE DE CAJAZEIRAS.

I-Dados de identificação:

Nome:

Idade/ opcional:

Formação básica:

Graduação: () Sim () Não. Qual _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola _____

Tempo de conclusão da formação em magistério _____

1. Você tem o hábito de escrever? O que você escreve?
2. Fale sobre a escrita na Educação Infantil?
3. Como você trabalha a escrita em sala de aula?
4. Quais os recursos didáticos mais utilizados em suas aulas?
5. Na sua concepção quais as dificuldades das crianças em relação à escrita?
6. Como você avalia sua prática docente? O que precisa melhorar